

A história da arte ~~repleta~~ denuncia e explicita os desdobramentos da história da humanidade em seus percursos de dominações, povoados de absurdos e massacres. Nossa atual sociedade brasileira em sua situação de atrair em determinadas regiões e a paradoxal convivência com contextos altamente desenvolvidos em outras, nos coloca em contato com tempos antagônicos, dotando as ambiguidades de nossas realidades. Em todas elas se faz presente as consequências de uma colonização voraz e exterminante, em todos os níveis, tendo como ponto culminante a colonização cultural, resultando em uma ausência de autonomia política de um povo que não se constitui enquanto motor de transformação e empoderamento, a despeito de toda a sua potência artística multicultural.

Para relacionar as dimensões do tema proposto é necessário refletir sobre seus tópicos constituintes. De que maneira a arte se relaciona com o conceito de identidade e a invenção de si sob a constatação de uma colonização cultural? Para responder tal questão não podemos fugir de uma tentativa de definição de que seja arte, por mais impossível que tal definição nos pareça. Parto, portanto, da concepção da arte enquanto percepção transformada em percepto, tendo o corpo (o indivíduo) como instrumento do exercício desta percepção. Estes perceptos, obras de arte materiais ou imateriais inauguram uma forma de expressão que explicita novos saberes sobre nós mesmos e sobre o real. A arte comparece no espaço-tempo enquanto ato de resistência justamente por constituir novos modos de existência. Fazer arte como um modo de fazermos a nós mesmos, de afirmar nossa subjetividade através de exercícios de liberdade e de práticas libertárias, como produção de modos de existência que seja justamente a definição da "vida-artista", explicitando o dever revolucionário da arte, ou seja, o desenvolvimento de uma estética da existência fazendo da própria vida uma obra de arte. Dado que a arte clama pelo diferente, pelo heterogêneo, pelo múltiplo, a arte nos retira da zona de conforto, nos confronta diante do caos, traçando meios de escape, nos tornando aptos a resistir aos modelos pré-determinados pela forma-ESTADO decorrentes da colonização e

suas concepções filiadas ao etnocentrismo e androcentrismo. A vida-artista - vida generosa que recusa formas de vida assujeitadas do ~~ordem~~ burguesa com parece como real possibilidade de auto-invenção e daquelas que o circundam. Diante desta concepção da arte, transformadora, inaugural, a arte como materialização de uma percepção por excelência individual e única, por isso diferente, conceitos como hegemonia de raça e gênero se esvaziam consequentemente no entrelaçamento de diferentes visões e no confronto no espaço do comum da atividade artístico-política como instrumento de resistência e transformação cultural, social e política.

② Desde o cubismo e a descoberta da arte oriental e africana pelos artistas da modernidade, a concepção da arte greco-romana europeia tem sido amplamente questionada. No panorama da arte moderna e contemporânea este questionamento, contudo não representa uma auto-consciência do caráter político que tais reflexões espelhavam. A hegemonia da arte europeia e norte-americana se manteve ainda mais fortalecida e as novas descobertas serviram mais uma vez de matéria viva fornecida gratuitamente para a expansão de uma cultura carente de novos modos de ver. Quando no Brasil, incorporamos as descobertas da arte moderna associando à nossa realidade, como na semana de 22, as tentativas de mesclar com nosso contexto histórico, político, social não significaram necessariamente uma transformação da conjuntura de dominação social e econômica, mas trouxe à tona e questionou tais contextos de dominação e exploração. Estes questionamentos foram incorporados à arte de elite cultural como no caso de Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila e outros modernistas que associaram à realidade brasileira as descobertas estéticas modernistas conquistadas pela escola de Paris. Escola esta que recebia artistas brasileiros que por lá corriam em busca de conhecimento e novidades. No contexto contemporâneo o que acontece no Brasil hoje se revela radicalmente diferente do que acontecia naquela época. O caráter político e reivindicador das manifestações

artísticas que abordam questões de raça-étnica, gênero e sociais são muito mais radicais e explicitam a busca de autonomia e a luta pela equiparação de direitos e a extinção das discriminações presentes em cada segundo da vida brasileira. A descoberta e restauração e preservação do cemitério de escravos no centro do Rio de Janeiro explicita e traz à tona uma realidade atual e ainda muito mal contada historicamente. Artistas contemporâneos abordam questões como concepção de cores de pele como forma de desconstrução de um estigma, mas ainda de forma muito incipiente, pois o debate necessário está ainda longe de se concretizar em níveis da vida cotidiana.

③ A abordagem folklorizada dos povos originários acontece inclusive com relação à pré-história. Sabemos que no Brasil existem várias fontes de arte Rupestre que não são valorizadas como deveriam e são subjugadas em relação à arte pré-histórica europeia. A história da arte brasileira, por exemplo, deveria começar com a arte indígena, mas esta arte geralmente se situa nos finais dos livros didáticos. O pouco contato com a cultura indígena nada mais é que um reflexo do processo de extermínio em pleno curso que ocorre na atualidade sem que haja uma reação à cultura do absurdo que ocorre nas matas brasileiras. Creio que a integração das disciplinas e a interrelação dos saberes seja um recurso de conscientização da importância e do valor a ser conferido às nossas raízes ainda presentes no território brasileiro e como elucidativa da formação de cada indivíduo, da constituição de nós mesmos enquanto seres sociais, culturais e com responsabilidade política. A arte é sim transformadora, mas para tanto ela não pode prescindir da reflexão do que vem a ser a informação. Na sociedade de controle em que vivemos a informação é palavra de ordem, instrumento fundamental deste controle. O sistema educacional e a arte neste contexto deve buscar destrinchar as informações abundo brechas de onde possam emergir as possibilidades de resistência.